

Coluna do Castello

Esquinas de
perdição

Brasília — Desde os tempos em que o Senador Daniel Krieger presidia a Arena, não se ouvia no país, pronunciado por um presidente do Partido do Governo, discurso tão expressivo e tão carregado de mensagem quanto o do Senador José Sarney ao instalar o PDS no Rio Grande do Sul. O ex-representante do Rio Grande continua a exercer o seu fascínio sobre o representante do Maranhão e sua lição de ativez deverá ter inspirado, em Porto Alegre, a manifestação do seu sucessor remoto na chefia do Partido oficial.

Como o Senador Krieger não falava gratuitamente, pelo simples prazer de pregar as suas idéias e com isso contrariar alguns pró-homens do sistema em que se entrosava, deve supor-se que o Senador José Sarney, que vinha da Bahia, não falou também por falar. Ele reagia a algo concreto e fazia uma mise-au-point destinada às diversas frentes do seu Partido para alertar a maioria quanto ao que uns poucos pensam e para tentar aliciar seus companheiros na defesa dos princípios que estão no programa do seu Partido e traduzem um juramento formal do Presidente da República. A presunção é que alguma palavra de pessimismo foi soprada a ouvidos tímidos na Bahia trazendo a memórias ainda atentas a idéia do que se passou no país num remoto mês de abril de 1964.

O presidente do PDS, antes que alguém lembre 1968, quis impor à lembrança do Senador Luís Viana Filho a imagem dos descaminhos que iriam subverter as inspirações do movimento de 1964, que não foi o que deles pensam mas foi o que a história dele fez. O Senador Sarney convoca o PDS a não mais receber "pacotes de cima para baixo" e advertiu que, antes da consolidação do Partido, temos que consolidar a democracia, que é a prioridade número um do Brasil.

Curiosamente o presidente do PDS alerta seus correligionários quanto aos pacotes que vêm de cima no momento em que o Congresso se prepara para deglutir um deles, a Lei dos Estrangeiros, ainda que sob a promessa de futuras atenuações, não em homenagem à reação parlamentar mas em respeito ao apelo de João Paulo II e da hierarquia católica. A lição contida no seu discurso é que o projeto, em nome da autonomia do Congresso, deveria ser repellido, embora se entenda que ele está por enquanto no terreno das idéias gerais e não dos fatos concretos. Por enquanto ele adverte e começa a definir a linha de comportamento da sua agremiação que ainda está em fase de formação.

O Senador declara-se convencido de que o "Partido forte representa a fonte da estabilidade da abertura política, do regime democrático que pretendemos implantar. Fora do Partido não há salvação". E, ampliando o seu pensamento, acrescenta: "O Poder Legislativo é a maior das instituições liberais e deve possuir todas as prerrogativas, pois se o Legislativo é fraco a democracia é fraca." Está aí o esperado apoio à emenda patrocinada pelo Deputado Flávio Marcílio e o seguro roteiro pelo qual os Deputados Célio Borja e Djalma Marinho deverão proceder ao aliciamiento cívico da sua bancada para aprovar a emenda das prerrogativas. O presidente do Partido é quem aponta o caminho e, certamente, foi compelido a fazê-lo diante de fatos e realidades que não chegam aos ouvidos da maioria dos mortais.

Deve haver no sistema governamental pontos vulneráveis na defesa da implantação de instituições democráticas. Na Bahia o presidente do PDS deverá ter detectado sintomas da existência de uma dessas vulnerabilidades, possivelmente situado na confluência da qual têm resultado alguns dissabores para as instituições livres. O Senador reage e adverte aos seus companheiros de que "as prerrogativas são a base do processo democrático. Desejamos um Congresso forte porque representa uma democracia forte".

O Sr José Sarney, que está em paz consigo mesmo e com seu destino, sobretudo depois de conquistada a imortalidade acadêmica, dará certamente a medida prática do seu pensamento na condução do seu Partido e na tomada de decisões em face dos pacotes que continuam a ser elaborados num exclusivista centro de decisões. Estamos convencidos de que os cabeças desse centro têm um pensamento estratégico definido e confiável, mas tanto quanto o Senador Sarney lidam com realidades e transpõem esquinas de perdição nas quais não se aprendeu ainda a viver sob a luz do sol e na limpidez das liberdades concedidas sem reservas mentais.

O Sr Sarney enfrenta esse tipo de reservas que estão nos refolhos dos pacotes e que transitam através dos decênios com ambigüidades semânticas e ideológicas incompatíveis com a nitidez dos pronunciamentos presidenciais e dos rumos definidos pelo pensamento estratégico da distensão e da abertura. Há que eliminar as zonas de sombra e clarear as mentes que não se desanuviaram das fumaças de um autoritarismo que as cegou ao longo de quase dois decênios. Esse é o caminho que leva à democracia, à qual chega hoje o Peru, no retorno do Presidente Belaunde Terry pelo voto livre do seu povo.

Carlos Castello Branco